O Fascio e a Cruz

(Publicado em *La Rassegna nazionale*, 1941)

O Fascio e a Cruz

Ugo Ciuchini

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

No momento atual, todo italiano da frente interna, qualquer que seja o posto que ocupe na hierarquia social, deve ter um sentido mais vigilante de responsabilidade e de justiça, e sentir ainda mais vivo, nas relações com os concidadãos, aquele sentido de fraternidade humana que não é apenas um dever cristão, mas a expressão espontânea da solidariedade nacional e de raça, agora cimentada pelo sangue generoso derramado por nossos irmãos no campo de batalha.

Para vencer a guerra, é preciso de virtudes austeras, não do desenfreio das paixões vulgares.

Lembremo-nos das palavras do Marechal Pétain e de outros patriotas franceses diante do desastre da França: “a derrota se deve ao espírito hedonista dos franceses, ao seu esquecimento da moral, da consciência e da honestidade.”

Devemos utilizar todos os nossos recursos espirituais e morais. Em primeiro lugar entre estes, o sentimento religioso do povo italiano, aquele sentimento religioso que sugamos com o leite nos joelhos maternos, e que é a herança mais nobre e mais pura que recebemos de nossos pais.

Imitemos o exemplo de nossos antepassados, a começar pelos antigos romanos, que Lívio chama de “homens cheios de religião, que não empreendiam ação militar ou civil sem antes terem aplacado os deuses com sacrifícios e sem terem consultado os arúspices.” Lembremo-nos de que uma das primeiras razões da felicidade daquela república, como observa Maquiavel no capítulo XI dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio,* foi o grande temor de Deus daquele grandíssimo povo.

O povo italiano, herdeiro do povo romano, é intimamente católico; e, mesmo considerando as coisas de um ponto de vista simplesmente pragmático (onde a luz da fé não brilhasse na alma), é necessário aproveitar essa poderosíssima força do sentimento religioso.

Isto, unido e fundido com o amor à Pátria, cria milagres de fortaleza e heroísmo sobre-humanos, como o do Alcázar. A Espanha de Franco pôde libertar-se das voltas da hidra vermelha porque foi ajudada pela Itália de

Mussolini e pela profunda fé católica que animava seus soldados, os quais sabiam que combatiam verdadeiramente *pro aris et focis*.

“A Itália é católica, imutavelmente católica em sua tradição e em seu instinto...” (Alfredo Oriani). A Itália é católica de direito e de fato, católica na mente e no coração.

O Fascismo, desde o princípio, intuiu toda a importância da concórdia entre o sentimento de Pátria e o sentimento de Religião dos italianos.

A Itália, que tem o imenso privilégio de possuir em seu seio a Cátedra santa de Pedro, deve conhecer sua vocação.

Embora permanecendo no campo distinto e autônomo de suas realizações civis, políticas e econômicas, ela, nos desígnios da Providência, está destinada a cooperar com a obra restauradora e civilizadora da Igreja sobre a Europa e sobre o mundo; sobretudo com a eficácia do exemplo, realizando sua própria vida política e social na ordem cristã, como agora faz empunhando a espada contra o bolchevismo, negador de todo princípio civil e cristão.

Pelos estreitos laços existentes entre a Itália e a Igreja, a causa da Itália, que reconhece sua própria vocação, torna-se a causa de Deus (e a causa de Deus sempre termina triunfando); combater pela Pátria é também combater pela Fé da Pátria, *pro aris et focis*, segundo o clássico lema romano; é combater por uma Europa melhor, mais unida, mais justa e mais feliz; é combater por Cristo. A Europa “precisa e tem sede de uma nova disciplina interior e de uma nova unidade espiritual”, e “ninguém pode dizer o que prepara para a história a magnífica vitalidade cristã” (Alfredo Oriani).

Para a regeneração da Europa, é necessário reconstruir sua unidade intelectual e moral (a causa remota, mas fundamental, da guerra atual está justamente nessa falta de unidade espiritual, baseada em um critério único de moralidade e de justiça universalmente aceito); tarefa tão árdua não pode ser cumprida sem Roma, à qual todas as nações europeias podem olhar com confiança, como àquela que conserva sempre vivos e vitais os fermentos (Cristianismo e Romanidade) que já, fundindo-se com as

peculiaridades da forte e leal raça germânica, produziram a civilização europeia.

E uma civilização, como observava agudamente o Secretário da República Florentina (*livro III, capítulo I, dos Discursos sobre a primeira década de Lívio*), não se regenera senão reconduzindo-a aos seus princípios. O maior problema da reconstrução unitária da Europa de amanhã é o de unir a latinidade e o germanismo, e essa união, embora permanecendo distintos os dois mundos com suas características particulares, pode realizar-se, de modo íntimo e permanente, sob a influência espiritual de uma "concepção religiosa unitária", que Hitler (*Minha vida*) lamentava como ausente na sociedade atual e que considerava necessária, porque "para a massa a fé é quase sempre o único fundamento de uma concepção moral do mundo", e sem bases morais o mundo não pode subsistir.

A própria história de Roma nos ensina que os impérios se formam não apenas pela espada, mas também pela virtude, e que, quando falta a virtude, corrompem-se e desmoronam.

É isso que significa a Cruz no centro do tricolor, a qual não deve ser um simples símbolo heráldico, mas a expressão de todo um programa.

Já em 1830, Ciro Menotti, em seu plano de movimento revolucionário intitulado: *Ideias para organizar as inteligências entre todas as cidades da Itália pela sua independência, união e liberdade*, havia estabelecido que "o estandarte das três cores, verde, vermelha e branca", que deveria constituir a bandeira da Itália regenerada, fosse "ainda composto da Cruz", aproximando assim (são suas próprias palavras) "o símbolo da Liberdade e da Religião".

O que demonstra claramente como, desde os primórdios do Risorgimento, os santos ideais de Pátria e de Religião estavam indissoluvelmente unidos nos corações da imensa maioria daqueles que aspiravam e conspiravam pela independência e unidade da Itália.

É sempre o ideal radioso do divino Alighieri, perene intérprete e gênio tutelar da estirpe itálica, que domina nossa história: o ideal simbolizado pela união da Águia e da Cruz.

Como já em Dante, o amor pela Pátria e o amor por Cristo sempre estiveram unidos no coração do povo italiano, o qual “em sua flor jamais murcha — como escreve Giovanni Papini — foi mais dantesco” do que muitos de seus homens representativos.

E, portanto, da união do *Fascio littorio* e da Cruz, símbolos das ideias universais do direito e de Deus, está contido o destino da Itália e da Europa de amanhã; porque o mundo novo que surgirá da guerra deverá resultar da harmonização do Fascismo e do Cristianismo, da união, isto é, da justiça e do amor, os dois únicos princípios capazes de reorganizar o mundo de amanhã.

O *Fascio littorio* e a Cruz, simbolizando a Romanidade e o Catolicismo, constituem e sempre constituirão, enquanto a Itália for, como é hoje pelo gênio do Duce, à altura de seus destinos, os ideais que poderão guiá-la à verdadeira grandeza.

O imperador Constantino, depois de ter mandado gravar nos escudos e nos estandartes de seus legionários a Cruz de Cristo, *ad Saxa rubra*, derrotou Maxêncio; e desde aquele dia, em que os feixes e as águias romanas se uniram à Cruz, despontou no mundo a mais esplêndida das auroras, a aurora da civilização cristã.

Nesta hora grave para os destinos da Pátria e da civilização europeia, olhemos para o alto.

Nos céus azulados da Itália ainda resplandece idealmente, radiante de fulgores sobre-humanos e consoladora como uma promessa divina, a Cruz que apareceu a Constantino...

Ó Itália, *in hoc signo vinces*.